VEREDAS
Revista Interdisciplinar de Humanidades
ISSN 2595-3508
v. 7, n. 14, 2024

Recebido em: 24/11/2024 Aceito em: 30/11/2024
DOI: https://doi.org/10.56242/revistaveredas.2024.7.14.38-52

CC BY NC ND

Travestis e mulheres trans no trabalho em prostituição: a construção do corpo-mercadoria

Professors' life projects and their implications on the students' educational process

Gabriel Silva Alves[1]
Cristiano de Jesus Andrade[2]

Resumo: Partindo da perspectiva da escrita de um ensaio, este trabalho tem por objetivo discutir a inserção de travestis e mulheres trans na prostituição, sob a ótica crítica materialista, para buscar compreender as maneiras que se configuram tal fenômeno, bem como analisar a segregação das pessoas que formam uma significativa parcela da população dependente desta prática para sobreviver e como ocorre o processo ideológico e cultural de construção e manutenção do corpo trans pensado como mercadoria nas relações prostitucionais.

Palavras-chave: Prostituição; Corpo; Mercadoria.

Abstract: This article is discussing the inclusion of transgender and trans women in prostitution under the materialist critical perspective, seeking to understand prostitution and segregation of the population that depends on this practice and to survive as the ideological and cultural construction process occurs and maintenance of trans body thought of as merchandise in prostitucionais relations.

Keywords: Prostitution; Body; Merchandise.

Introdução

O Modo de Produção Capitalista, alicerçado ideologicamente na ordem burguesa, em todos os seus modelos de acumulação cria e recria padrões normativos de conduta, para que a população seja enquadrada e mantenha-se em todas as esferas de sua vida, incluindo a sexualidade e o modo como

[1]Universidade Santa Cecília – Santos-SP – Brasil. Email: denisetardeli@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0002-0195-9235.

[2]Universidade Paulista – Ribeirão Preto-SP – Brasil. Email: kethicris@hotmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0002-1968-9181.

se lida com o corpo, alimentando energia de produção, para que permita expansão de lucros e acumulação.

Assim, tudo o que se contrapõe e ameaça a ordem burguesa e suas normatividades, acaba sendo reprimido e estigmatizado[3] sobretudo sujeitos que rompem normas de gênero como é o caso das travestis e mulheres trans[4], que ao romperem condutas de gênero e sexualidade, acabam interferindo e questionando estruturas ideoculturais, sobretudo religiosas, visto que a tradição judaico-cristã, que ainda dita padrões e molda comportamentos especialmente na cultura ocidental, tem sido ao longo dos anos, um dos principais mecanismos normatizadores de condução de massa, configurando-se como um poderoso instrumento de reprodução burguês, denominando assim travestis e transexuais como “desviantes”.

> A família passa a ser considerada a célula central de funcionamento do sistema econômico que surgia na Europa no século XVIII e se espalhava pelo mundo. A vida será gerida pelas biopolíticas que estipularão regras sobre como se deve viver para atingir a tão desejada qualidade de vida. Dentre os aspectos abordados por esta política está a definição do que seria uma sexualidade chamada de “normal” e “saudável”. As práticas sexuais que não atendiam aos padrões eram submetidas à punição e tratamento para que fossem corrigidas e normalizadas. Assim, pode se verificar que as travestis ainda são consideradas fora do padrão de normalidade, pois infringem as normas de gênero que fundamentam a sociedade (Antunes, 2010, p. 11).

Devido ao fato de as travestis e as transexuais subverterem aos padrões desta sociedade explicitamente através da imagem, ainda com os estudos sobre identidade de gênero, esta população é estigmatizada e reprimida pelos valores ideoculturais burgueses. Como aqui referenciado:

[3] O termo “Estigma” utilizado nesta pesquisa, tem por referência Erving Goffman, autor do livro Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, publicado originalmente em 1963, onde define três tipos de estigma, sendo: as deformações físicas; os desvios de caráter; e estigmas tribais. Para Goffman, o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui algum atributo que frustra as expectativas de normalidade.

[4] Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento [...] Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans. No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero. (JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.* Brasília: [*s. l.*], 2012).

> Os sujeitos em conflito com as normas de gênero são marcados por estigmas que os constituem como um grupo de *outsiders,* isto é, aqueles que podem provocar repulsa, nojo, ou ódio. Uma vez que são considerados como portadores das piores características eleitas em determinados contextos sociais e históricos. Desse modo são postos em ação os dispositivos da heteronormatividade, entre os quais a homofobia, que pode ser apresentada como discriminação afetiva, intelectual e política por lógicas heterossexistas (Borrillo, 2010) que atingem preferencialmente lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTQIAP+); a homofobia pode prejudicar não somente seus alvos, mas aqueles/as que deles se aproximam como familiares e amigos (Blumenfeld, 1992). Desse modo os *outsiders* se tornam passíveis do rechaço dos demais, chegando à privação de direitos e mesmo dos afetos nas dinâmicas relacionais entre sujeitos (Torres, 2010, p. 43).

Esta estigmatização das travestis e mulheres trans, acaba por fazer com que na grande maioria das vezes não consigam inserção no mercado de trabalho formal, tendo a prostituição como alternativa para assegurar sua sobrevivência.

Considerando o corpo como elemento subjetivo repleto de significados históricos e culturais, de importâncias individuais e sociais, pode-se assim pensar o corpo como portador de um discurso. Aqui serão pensadas as relações prostitucionais e a construção do corpo trans a partir de elementos subjetivos e objetivos dos sujeitos sociais que se apresentam, e que discurso que este corpo porta. Buscando evidenciar a construção de uma imagem física e social do corpo trans dentro do mercado prostitucional, pensado enquanto mercadoria.

O corpo-mercadoria

Através da estética corporal e o modo como cada sujeito cuida do seu corpo e se constrói essa estética, se expressam diversos elementos culturais embutidos na sociedade. Assim por se tratar de cultura e um modo de vida, reproduz-se irrefletidamente uma lógica construída para manutenção de uma ordem social capitalista categórica que normatiza condutas, dentre elas a estética corporal, condicionalizando desta forma o principal elemento da subjetividade humana, o corpo.

É a construção desta estética corporal que será pensada aqui, evidenciando a construção e manutenção do Corpo Trans[5] constituído sob normas de gênero e padrões de beleza, para, a partir de então pensar o corpo como mercadoria, contextualizado nas relações prostitucionais.

Corpo, Cultura e Subjetividade são elementos interligados num mesmo processo de produção e reprodução da vida.

> O corpo situa o sujeito que o tem, pois é uma forma de ser e estar no mundo. Por perceber a tudo e a todos. A cultura constitui o modo de ser de cada sujeito, assim como cada sujeito constitui seu corpo, assim como subjetivamente, cada um compõe seu corpo. Não há como se separar dele (Antunes, 2010, p. 66).

O modo como se produz a vida material, para atender as necessidades objetivas de cada humano, cria e recria elementos culturais e ideológicos que vão determinar a esfera subjetiva de cada um, o que se compreende na perspectiva histórico dialética como a esfera de reprodução social, da mesma forma inversamente proporcional a esfera da reprodução cria necessidades e elementos culturais que vão interferir na produção. O Modo de Produção Capitalista, por se tratar de um grandioso sistema de alta produção em escala, acumulação de riquezas e manutenção de poder, para manter-se e legitimar-se vai padronizar a esfera subjetiva da sociedade, através da construção ideológica e cultural, realizada pelo que Gramsci (1982) chama de “aparelhos privados de hegemonia”. Esse processo de manutenção da hegemonia capitalista vai ditar inclusive um padrão de corpo, para que seja um corpo produtivo funcional ao sistema. Na contemporaneidade os meios de comunicação exercem um significativo poder de controle e dominação ideológica sobre o corpo.

> Altos volumes de dados e saberes são disseminados rapidamente através desses meios de comunicação. Eles definem regras, normas, estilos, padrões, maneiras, formas, conceitos de como se “deve” viver a vida para que cada um seja considerado uma pessoa normal, inserida e feliz. Portanto, será aceita por todo o sistema que produz e é produzido por ela (Antunes, 2010, p. 58).

Então a defesa de um corpo jovem, forte e saudável, será reproduzida constantemente para que seja absorvida ideologicamente até que se torne cultural a construção e manutenção do corpo jovial – dentro dos conceitos

[5] Corpo Trans, aqui representa tanto o corpo transexual como o corpo travesti, assim sendo, o termo faz referência ao corpo que sofreu transformações para adequar-se a um padrão estético de feminilidade.

de uma estética corporal masculina e feminina aliado ao padrão "heteronormativo" de conduta sexual – para que seja assim um corpo fisicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, e propiciar a reprodução da força de trabalho e do Capital. A difusão desta ideologia cria um forte elemento sociocultural, o "culto ao corpo", que vai agregar à estética corporal, inúmeros significados sociais.

O culto ao corpo sob esta perspectiva é um elemento historicamente recente, toma grandes proporções a partir de 1980, já no período chamado sociedade de controle, surgida no século XX, onde a dominação ideológica e cultural já tomou tamanha proporção que através dos aparelhos de comunicação de massa (internet, mídias... etc.), de uma estética corporal masculina e feminina aliado ao padrão "heteronormativo" de conduta sexual – para que seja assim um corpo fisicamente produtivo e biologicamente reprodutivo, e propiciar a reprodução da força de trabalho e do Capital. A difusão desta ideologia cria um forte elemento sociocultural, o "culto ao corpo", que vai agregar à estética corporal, inúmeros significados sociais.

O culto ao corpo sob esta perspectiva é um elemento historicamente recente, toma grandes proporções a partir de 1980, já no período chamado sociedade de controle, surgida no século XX, onde a dominação ideológica e cultural já tomou tamanha proporção que através dos aparelhos de comunicação de massa (internet, mídias... etc.), a necessidade de uma intervenção direta por parte do Estado ou do próprio capitalista. Quanto a normatização da sexualidade, esta aparece no século XVIII, com o advento da industrialização, no período chamado de sociedade disciplinar, onde havia uma intervenção física, disciplinadora, para que os sujeitos fossem adequados ao novo modo de conduta social e regulação de suas vidas objetiva e subjetivamente. Antunes (2010), faz um paralelo entre esses dois períodos.

> Na sociedade disciplinar tudo é moldado em lugares próprios e cada um recebe uma função. O poder do chefe da fábrica funciona dentro de um determinado espaço físico. Já na sociedade de controle, não há espaço físico definido no qual o poder é exercido. Os corpos são capturados a céu aberto. Não há mais a necessidade de um espaço fechado para disciplinar. O indivíduo é continuamente controlado onde quer que esteja. Trata-se de práticas de controle que atentam para o corpo do outro, para sua aparência e conduta (Antunes, 2010, p. 53).

O corpo e os elementos intrínsecos a ele – postura física, comportamental, vestuário – traz consigo o discurso e a subjetividade inerente ao sujeito social que se apresenta. A busca pelo corpo ideal, de acordo com os padrões vigentes, imprime nesses sujeitos um discurso de sucesso e realização pessoal, sobretudo econômica, visto que a "cultura do corpo" é datada e representa um dado momento histórico.

Dois elementos presentes na "cultura do corpo" envolvem tal pensamento ideológico: o do individualismo e o do poder econômico. Individualismo porque responsabiliza o sujeito pelo seu corpo, ou estética corporal – no atual momento histórico de direcionamento político e econômico Neoliberal, onde é difundido que suas necessidades pessoais são de responsabilidade individual – e econômico, pois para a materialização desse corpo ideal exige investimento, em alguns casos alto investimento e para ele há um mercado específico.

> [...] é justamente na análise da cultura do corpo desse segmento social – as camadas médias da cidade – que GIACOMINI (2004), oferece uma interessante contribuição, mostrando como corpo e moda, e o conjunto infindável de investimentos na aparência, são parte fundamental do estilo de vida. Cosméticos, maquiagem, cirurgia estética, dermatologistas, *personaltrainers*, estilistas e profissionais da elegância permitem mobilizar recursos e operar expedientes para "estar em boa forma", (ideal ardentemente perseguido) (Giacomini, 2004, p. 408).

Assim, verifica-se que a busca pelo corpo ideal apresenta certa universalidade, por ser uma forma de reprodução social de um sistema universalizado e estar presente na sociedade ocidental como um todo, contudo, por seguir padrões de beleza atrelados a elementos culturais, esta estética corpórea vai modificar de acordo com a cultura local de cada região.

> No Rio de Janeiro, o corpo considerado são, é um corpo moreno, mas não negro. Trata-se de um corpo que apresenta sinais do exercício físico regular, que se expõe à luz do sol: um corpo-diurno-*funk*, em oposição ao que seria o corpo-noturno-*punk* de São Paulo. É também um corpo distinto daquele de Salvador, que expressa a valorização da negritude, da pele negra, da afro-brasilidade (Giacomini, 2004, p. 410).

Em se tratando dos Sujeitos Trans[6], a construção e manutenção do corpo perpassam todos os elementos culturais, ideológicos e objetivos agregan-

[6] Devido à transformação do corpo ser de uma estética masculina para uma estética feminina, tanto as mulheres trans como travestis, serão referidos aqui como Sujeito Trans.

do à subjetividade o não reconhecimento do gênero atribuído ao sexo biológico do sujeito.

> Portanto, travestis "constroem" seus corpos, por meio de um longo trabalho de "engenharia" física. Pra isso, elas baseiam na cultura e na linguagem. Procuram transformação física e social. Retiram e incorporam elementos sociais. É justamente no corpo que elas manifestam os principais dados simbólicos, daquilo que é considerado masculino e feminino pelas normas de gênero (Antunes, 2010, p. 71).

As travestis e mulheres trans, transformam seu corpo pela subjetividade e fazem a manutenção deste corpo a partir de elementos tanto subjetivos como objetivos. Devido à transformação ser de um corpo masculino para um corpo feminino, a feminilidade dos elementos objetivamente incorporados vai trazer a sensação de realização subjetiva ao sujeito trans, pela questão da identidade. Estes elementos são permeados pelo conceito de heteronormatividade imposto no período da sociedade disciplinar e alimentado pela ideologia patriarcal.

As relações patriarcais são de exploração e manutenção de poder com base nas diferenças de gênero construídas socialmente num dado momento histórico. Na sociedade patriarcal, a divisão sexual das atividades, o trabalho e a segurança do sustento familiar são atribuições masculinas, e à mulher são destinados as tarefas domésticas diárias como a realização de limpeza e organização da casa, educação dos filhos, além da reprodução e satisfação sexual do marido. Como é no trabalho e na troca do que é produzido para atender as necessidades humanas que se criam as relações sociais, no momento em que essa divisão ocorre, a sociabilidade se dará entre os homens, colocando-os num relativo grau social de superioridade em relação às mulheres. Deste modo a dependência da mulher pelo homem ocorre em todas as esferas sociais, propiciando a manutenção de poder e privilégio masculino.

Em se tratando de uma relação de poder e privilégio, estabelecida anteriormente ao modo de produção capitalista[7], este se apropria da ideologia patriarcal para legitimar-se enquanto sistema de dominação de classes. Com isso a dependência econômica das mulheres acaba levando-as a se submeterem a determinadas práticas como a prostituição.

[7] Segundo a historiadora austríaca Gerda Lerner (1986), o patriarcado está presente desde as antigas sociedades. Seu processo de formação teve início no ano 3.100 a.C., consolidando-se no ano 600 a.C. É salutar destacar que a intensa resistência proporcionada pelas mulheres a esse regime exigiu que os homens lutassem durante dois milênios e meio para chegar à sua consolidação. Se a contagem for realizada a partir do começo do processo de mudança, pode-se dizer que o patriarcado conta atualmente com idade de 5.203-4 anos (Queiroz;; Diniz, 2012, p. 194)

> Destarte, quando se traz a afirmação da prostituição como profissão mais antiga do mundo, legitima-se a condição da mulher enquanto explorada e oprimida pelo homem, tanto na esfera individual, como no âmbito do mercado do sexo. [...] Numa sociedade onde predomina a lógica patriarcal, em que as mulheres historicamente são subordinadas aos homens, a prostituição, expressa na mercantilização do corpo, se constitui em expoente dessa dominação, na qual o homem impõe o seu desejo, ou seja, o poder econômico permite o acesso aos corpos das prostitutas sem restrições, desde que paguem (Queiroz; Diniz, 2012, p. 189, 197).

Ao se voltar o olhar para as travestis e mulheres trans, pode se identificar que estas são encaradas pelos padrões sociais patriarcais como aberrações, por terem nascido com o sexo biológico masculino e adotado posteriormente uma identidade feminina mesmo ciente do "contrato social" que estariam assumindo neste momento e todas as suas consequências. Tal pensamento é construído pelo conceito de heteronormatividade.

> A heterossexualidade como norma foi instaurada histórica e socialmente como modelo dominante de sexualidade. Esse modelo impôs uma condição de subalternidade às demais expressões da sexualidade: a homossexualidade e a bissexualidade, estabelecendo, assim, hierarquias, segregações e invisibilidades (Santos; Pereira, 2012, p. 237).

Desconsiderando sob esta ótica, a individualidade humana e toda a sua subjetividade e complexidade, os sujeitos trans são duplamente estigmatizados, pela condição de mulher em uma sociedade patriarcal, e por romper normas de gênero subvertendo os "papeis" sociais masculinos e femininos. Desta forma, a subalternização e marginalização das travestis e mulheres trans é potencializada, destinando a estes corpos apenas a função de satisfação da sexualidade do homem, ao ponto de o senso comum através de um discurso cultural, desconsiderar que estas mulheres possam desenvolver outra atividade de trabalho que não a prostituição.

Assim para a construção da estética corporal feminina, o sujeito trans, para assegurar renda e subsistência, destina-se ao mercado prostitucional e vai lançar mão dos mais diversos mecanismos para que consigam materializar a satisfação de sua necessidade subjetiva de reconhecer-se mulher e objetiva para a criação de uma identidade social feminina permitida através da estética corporal e da manutenção deste corpo, possam na prostituição garantir seu sustento utilizando seu corpo-mercadoria.

Silicone e intervenções cirúrgicas, depilação, vão colaborar na incorporação desta identidade através da estética do corpo feminino ideal. Unhas grandes, esmalte, salto alto, são acessórios culturalmente atribuídos ao corpo feminino absorvidos pelo corpo trans. A maquiagem por sua vez, trata-se de um grande instrumento aliado para a realização do sujeito trans especialmente para as travestis. "A maquiagem, além de ser associada diretamente ao "mundo feminino" ainda tem a função de esconder a barba, considerada símbolo do "mundo masculino" (Antunes, 2010). O cabelo também constitui uma relevância significativa para o autoreconhecimento dos sujeitos trans por ser um elemento cultural, como Lourenço (2009) apresenta, o cabelo é uma das linhas divisórias que as travestis traçam entre uma transformista (homem que apenas se veste como mulher) e uma travesti, um homem que vive parcialmente ou integralmente como mulher.

Quando inseridas no mercado da prostituição, a manutenção do corpo trans vai ser paulatinamente cobrada dessas mulheres que utilizam o corpo como mercadoria de troca, pois através da estética corporal, vê-se a possibilidade de agregar valor ao ato de compra e venda da relação prostitucional.

A sociabilidade nas relações prostitucionais ocorre com particularidades, considerando ser um espaço de interesses objetivos e subjetivos marcados pelo dinheiro.

As relações sociais se criam na troca de mercadorias para assegurar o sustento, no caso do modo de produção capitalista a mercadoria dinheiro expressa essa relação de maneira peculiar. E a sociabilidade presente na prostituição representa de maneira contundente a materialização do fenômeno da reificação.

> No mercado, a mercadoria realiza esta inversão: as relações sociais, *relações entre homens*, aparecem como *relações entre coisas* [...]As qualidades peculiares das relações sociais são transferidas às mercadorias [...] *As relações sociais tomam a aparência de relações entre coisas*. Por isso o fenômeno da reificação (em latim, res = coisa; reificação, pois, é sinônimo de coisificação) é particular às sociedades capitalistas; é mesmo possível afirmar que a reificação é a forma típica da alienação (mas não a única) engendrada no modo de produção capitalista. O fetichismo daquela mercadoria especial que é o dinheiro, nessas sociedades, é talvez a expressão mais flagrante de como as relações sociais são deslocadas pelo seu poder ilimitado (Netto; Braz, 2010, p. 92-93).

O dinheiro enquanto mercadoria fundamental de troca estabelece nas relações sociais capitalistas um “poder ilimitado” de domínio de tais relações. Sem o dinheiro não há troca, consequentemente a sociabilidade nas relações capitalistas se dão mediante a troca de mercadorias pela mercadoria fundamental dinheiro. Sendo assim nas relações de prostituição a troca da mercadoria dinheiro pela mercadoria corpo (prazer, sexo, satisfação pessoal), cria uma sociabilidade específica de tais relações permeadas por elementos objetivos e subjetivos dos sujeitos envolvidos, expressas no fenômeno da reificação, especialmente por se tratar de uma troca para atender necessidades pessoais subjetivas sem que haja produção de mercadorias em escala. Assim:

> A venda de algo e sua consequente transformação em dinheiro é sentida inicialmente como uma libertação, já que o possuidor do dinheiro pode comprar muitos outros objetos que equivalem ao valor do que vendeu; se ganha uma multiplicidade, uma infinidade de escolhas e possibilidades que não existiam enquanto se possuía o que foi vendido. No caso da prostituição se ganha duas vezes, pois o que foi vendido (o corpo, o prazer, o ato sexual) continua sendo propriedade de quem vende, podendo ser vendido outras inúmeras vezes e, somando-se a isso, ainda se tem à posse do dinheiro conseguido com a negociação (Russo, 2003, p. 9).

Desta forma, há troca da mercadoria força de trabalho (corpo) – presente em todas as relações de produção – concretizada no ato ou relação sexual (mercadoria de troca) por dinheiro que atenderá as necessidades de quem se prostitui.

> Sem dinheiro não se vive. Então, por que não usar aquilo que se tem como meio para consegui-lo? Algumas pessoas têm jóias, imóveis, habilidades específicas, talento para arte, etc. As prostitutas têm seu corpo e utilizam como objeto de barganha. Trocam prazer que ele pode proporcionar por alguma quantia em dinheiro capaz de lhes garantir, mesmo que, em alguns casos, minimamente, a manutenção das necessidades do dia-a-dia (Russo, 2007, p. 502).

Se tratando de uma prática marginalizada, para quem busca a prostituição, a anulação de “rastros” é de extrema relevância, pois vai assegurar o sigilo de quem busca a oferta do mercado prostitucional, sobretudo quando a busca é pelas travestis e mulheres trans, que estão em uma condição de estigmatização potencializada. Quanto mais se compreender que justamente a presença do dinheiro e a impessoalidade do mesmo, vai igualar os sujeitos envolvidos na condição de clientes e vendedoras/prostitutas por ser uma relação de compra e venda, oferta e demanda.

> A impessoalidade e a ausência de cor e substância do dinheiro o fazem diferente de todos os outros valores e coisas. O dinheiro torna o que é diferente igual. Assim, nas relações de prostituição, clientes e prestadores de serviços sexuais se unificam, há uma relação de interdependência entre estes [...] Pessoas que poderiam não ter nada em comum são unidas através do dinheiro, pois em troca do sexo um lado está disposto a pagar e o outro está disposto a prestar os serviços requeridos (Russo, 2003, p. 8).

Desta forma, a presença de quem busca a prostituição na imagem social é sucumbida pela impessoalidade que o dinheiro traz a relação. Contudo quem se prostitui acaba agregando significados ao estigma da prostituição através do próprio dinheiro, pelo fato da mercadoria de troca ser o próprio corpo, como é mostrado por Russo:

> É precisamente a presença do dinheiro que torna a prostituição uma prática considerada negativa pela sociedade [...] A venda traz uma "perda de sentido", pois o dinheiro não tem cor, é indiferente. No entanto, o valor em dinheiro aparece como o único válido, assim, perde-se e passa-se rapidamente pelo significado específico das coisas. As coisas na medida que são igualadas são, de certo modo, rebaixadas. O que é igual a muitos é igual ao mais baixo dentre estes. O nivelamento impulsiona imediatamente para a posição do elemento mais baixo. O único sinal diferenciador que o dinheiro permite é a quantidade que é exigida dele no processo de troca, o qualitativo transforma-se em quantitativo (Russo, 2003, p. 7, 10).

Nesse quanto em dinheiro é exigido durante a troca, mede-se o valor, outro elemento significativo que vai compor a prostituição enquanto categoria. "Valor, por sua vez não expressa apenas o preço, mas transcende-o, pois abarca elementos qualitativos que através do dinheiro e do preço são expressos quantitativamente" (Russo, 2007, p. 498).

O mesmo autor (Russo, 2007), aponta que um valor qualitativo é constituído individualmente e coletivamente ao mesmo tempo. O indivíduo entende um elemento por valioso através de concepções que a coletividade sob determinações históricas, sociais e culturais estabelece como importante. E a coletividade determina o que é importante a partir do que cada indivíduo julga como necessário. Assim há inúmeros valores que permeiam as relações de prostituição.

Sendo o dinheiro "*uma representação econômica do valor*", o preço, ou o quanto de dinheiro exigido na relação compra e venda da prostituição apresenta-se como representação do valor social atribuído ao sujeito que se prostitui, justamente por ser o seu corpo a mercadoria de troca.

O mercado prostitucional apresenta-se em diferentes ambientes e com diferentes preços, e o que vai determinar esses preços são os valores que permeiam tais ambientes e sujeitos. Desde a prostituição de luxo, onde são exigidas altas quantias em dinheiro pelo serviço sexual oferecido, com negociações realizadas por um agenciador, onde a demanda ocorre por meio de homens de alto poder aquisitivo. Nesse caso específico, o corpo/estética corporal, é um valor fundamental que vai determinar esse preço. As mulheres que se prostituem nesse meio são mulheres jovens, com corpos exemplares dentro do que é considerado "corpo perfeito" de acordo com os valores socialmente atribuídos a ele, além de certo conhecimento ou aptidão intelectual, visto que estas mulheres frequentarão espaços elitizados. Passando por casas especializadas até a prostituição de rua onde muitas mulheres atuam por uma refeição ou o uma quantia em drogas, "o preço em dinheiro, a quantidade conseguida na negociação, não representa o valor monetário, mas está diretamente ligado ao valor social da mulher" (Russo, 2007, p. 503).

Desta maneira pode-se observar claramente a marginalização e a negação da imagem social das travestis e mulheres trans na sociedade, onde mesmo tentando se adequar aos padrões estéticos do gênero feminino, o estigma que o corpo trans porta, vem agregado de diversos significados sociais, que rebaixam o sujeito frente a imagem social. Isso ocorre por subverterem normas de gênero, por desconstruir o padrão masculino e feminino imposto ao sexo biológico, por estarem inseridos na prostituição, por portarem uma identidade feminina em uma sociedade patriarcal. Tudo isso vai pesar no valor oferecido ao corpo trans no ato de compra e venda na prostituição, onde o preço exigido em uma negociação prostitucional geralmente não ultrapassa o valor de cinquenta reais[8]. Representação social do estigma que o corpo trans carrega, materializada no valor/preço nas relações mercantis da prostituição quando este se configura enquanto mercadoria.

A estética corpórea para estes sujeitos sociais tem relevância de interferência objetiva nas suas vidas, considerando a prática prostitucional ser seu

[8] Este preço foi observado durante uma pesquisa filmográfica, com diversos filmes e documentários e entrevistas disponíveis na internet.

trabalho, esta é a maneira como objetivam suas necessidades básicas de sobrevivência.

> Frente ao exposto, vale lembrar que para uma **travesti** o corpo vai além da vaidade, ele é um instrumento de afirmação de si mesma. O *corpo feminino perfeito* representa o sucesso nas ruas com a prostituição, projeção na mídia (tendo em vista as inúmeras aparições e apresentações de **travestis** e drags Queens (anteriormente compreendidas como transformistas) na televisão e na internet), e respeito perante outras **travestis** (Lourenço, 2009, p. 24).

Com isto percebemos como o corpo constitui-se como uma categoria carregada de significados sociais estabelecidos historicamente através de elementos culturais, como economia, trabalho, educação, e diversas ideologias produzidas e reproduzidas no bojo da sociedade capitalista, podendo assim perceber os diversos discursos que portam o corpo trans.

Considerações finais

Mediante aos elementos ao longo do artigo apresentado, compreende-se que através da normatividade de gênero, instaura-se uma série de condutas reguladoras que incidem diretamente na sociabilidade, pois vai interferir no trabalho, no corpo, na sexualidade, na economia. Sem dúvida quem estabelece alguma forma de questionamento de tais normas, vai sofrer uma ofensiva cultural/ideológica. Ao se tratar de um questionamento estético-corpóreo esta ofensiva virá carregada de elementos segregadores, como visivelmente observados nas Travestis e mulheres Trans com o estigma que portam.

Isto por que o gênero é um dos principais, se não for o principal elemento cultural regulador, pois vai incidir na esfera subjetiva do sujeito, interferindo e modificando seu corpo, sua maneira de pensar e agir, sobretudo como se dará a sociabilidade entre este sujeito e a sociedade em que está inserido.

Desta forma o Corpo Trans vai sofrer modificações, para estar adequado ao padrão de feminilidade vigente, e vai, ao mesmo tempo em que busca adaptar-se aos padrões estéticos do gênero feminino, questionar e subverter o mesmo, por estar trazendo a tona as discussões de normalidade dos conceitos homem/mulher atribuídos ao sexo biológico e transitando pelas estéti-

cas do masculino/feminino, o que traz estranhamento aos que se enquadram nos padrões e agregando peso ao estigma Trans.

Como o gênero perpassa por quase todos, ou todos, os elementos culturais, família, religião, trabalho e educação. Ao subverter padrões de gênero sob conceitos estruturantes de normalidade, os sujeitos trans, no caso específico desta pesquisa travestis e trans-mulheres, estes sujeitos rompem com todas estas normas citadas acima ocupando um espaço de extrema segregação e subalternização que acabam por uma estrutura sociocultural, sendo marginalizados, excluídos dos espaços formais e ditos “normais” de sociabilidade, como escola, trabalho, lazer, levando-os involuntariamente ao mercado da prostituição que por sua vez já é um ambiente socialmente negado.

As reflexões neste texto desenvolvidas, evidenciam que se pode observar que a cultura hegemônica capitalista produz e reproduz uma ideologia e cultura segregadora de toda a classe trabalhadora, potencializada sobretudo em quem rompe com suas normas, causando um questionamento de normalidade e humanidade dos sujeitos transgressores, e degradando as condições de vida desses sujeitos e de maneira peculiar e potencializada das travestis e mulheres trans.

Por fim e não menos importante, vale lembrar que embora o objetivo central do estudo tenha sido atendido, realizar novas pesquisas sobre a temática é fundamental. Uma vez que o artigo em questão é de cunho bibliográfico, ir a campo para dar voz as pessoas aqui analisadas é de extrema necessidade. Tendo em vista que a ciência poderá cumprir com seu papel social de dar lugar de fala aquém encontra-se desprovido deste.

Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?.** 2010. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de estudos Pós-graduados em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

GIACOMINI, Sonia Maria. O Corpo como Cultura e a Cultura do Corpo: uma explosão de significados. In: GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

GOLDENBERG, Mirian *et al.* (Org.). ***Nu & vestido*:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: EDA/FBN, 2012.

LEITE JUNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam**: sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e transexual no discurso científico. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOURENÇO, Amanda Nogueira. **Travesti**: A construção do *corpo feminino perfeito* e suas implicações para a saúde. 2009. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROS, Fernanda Marques; DINIZ Maria Ilidiana. Prostituição e relações patriarcais de gênero: apontamentos para reflexão. In: LIMA, Rita de Lourdes *et al*. **Gênero e serviço social**: múltiplos enfoques. Natal: EDUFRN, 2012.

RUSSO, Gláucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n 51, set/dez., 2007.

RUSSO, Gláucia. Sexo e dinheiro: a sociabilidade construída pelo dinheiro nas relações de prostituição. In: Anais: **XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. Unicamp, 01 a 05 de setembro de 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Silvana Mara de Morais dos; PEREIRA, Marylucia Mesquita. Heteronormatividade e saúde sexual: reflexões sobre a saúde das mulheres com práticas homoeróticas. In: LIMA, Rita de Lourdes *et al.*. **Gênero e serviço social**: múltiplos enfoques. Natal: EDUFRN, 2012.

TORRES, Marco Antonio. A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN**, v. 11, n. 2, 2010.